

DA AVIDEZ E DO GOSTO PELO TEATRO DO CABOVERDIANO

Francisco FRAGOSO *

Com rigor, sentido de responsabilidade, afirmou e bem, o grande mestre Frederico García Lorca, que o Teatro é simultaneamente um meio de civilizar gente e um índice de civilização.

Eis-nos perante uma asserção cujo conteúdo de verdade, não deixa de possuir uma força e um sentido de encaminhamento consequente, por razões óbvias. De feito, entre as variegadas expressões culturais, a **arte cénica** assume no seio de cada **País-Nação**, por inerência dos pressupostos de fundo que a enforma, uma dimensão e relevo tais, conduzindo-a necessariamente à essencialidade da dinâmica interna que vivifica e estrutura o respectivo património cultural e civilizacional.

O que acima ficou expendido, de forma sucinta, vem, a propósito, acerca do conteúdo deste nosso **texto** que vai debruçar sobre a **avidez** e o **gosto** pelo **teatro do caboverdiano**, que constituiu um dos móbil que nos movera, de forma cativante e apaixonada, aquando do arranque da edificação e construção do grupo cénico “Korda Kaoberdi”.

Não nos foi alheio e nem indiferente, antes pelo contrário, a asserção do mestre Lorca, quando assumimos o compromisso de criar um grupo cénico que fosse capaz e susceptível de vir a representar condignamente o teatro caboverdiano, sendo, de anotar, que, a despeito de nacional na sua constituição não deixasse, contudo, de ser ecuménico e universal nos seus projectos e ambições.

Tratava-se de ir ao encontro do repto que ressuma vibrante e eloquentemente da asserção em apreço, fazendo das palavras acto e, assim, de forma segura, reunir todas as energias e sinergias, no sentido de trazer para o nosso **país-arquipélago** um empreendimento cultural e artístico que fosse capaz de fazer jus,

(*) Médico. Lisboa. Portugal.

que Cabo Verde é um País, na boa acepção do termo e, *ipso facto*, haveria de estar em sintonia, com a **civilização** – o **mundo** e “por extensão” com uma arte cénica válida, progressiva e prenhe de futuro.

E procurando ir ao fundo da questão enformadora do conteúdo deste **texto** e, no sentido, de bem posicionar o que se oferece elucidar nesta matéria vem, logo ao de cima, explicar o assunto que nos move, nos seguintes termos.

Afirmar que o caboverdiano é um povo ávido de Teatro é enunciar uma verdade que dispensa toda e qualquer demonstração. Aliás, todos nós estamos cientes e conscientes da referida **avidez** por, deveras, a haver sobejamente experimentado, facto que a confere, em substância, um lugar comum no nosso sentir cultural. Pois basta (o que é assaz sintomático), haver uma manifestação adentro deste domínio para se ver desperto o interesse das nossas gentes, neste sentido, de forma tão francamente espectacular e, mesmo, exuberante. O aparecimento, aliás, de grupos, *soit disant*, “cénicos” que de forma pontual acontece e vem acontecendo, na nossa terra, com todo o seu quê de espontaneísmo é, mais uma prova eloquente da verdade, acima enunciada.

Porém, um facto é certo, esta avidez necessita ser canalizada e bem, a fim de não se desviar ou de se desvirtuar e poder se assumir, de forma consequente, dada a importância e lugar de relevo que a arte dramática deve ocupar, por inerência dos magnos objectivos a que se propõe, no seio de uma comunidade ou das comunidades e, Cabo Verde – o nosso País-Arquipélago, como óbvio, não deve e nem pode se alhear ou se furtar.

Este arrazoado acerca da **avidez** nos conduz a um outro **aspecto**, quão relevante como importante, que é o **gosto pelo teatro** que, na realidade, existe paralelamente na peugada da primeira, objectivando-a, conquanto não de forma precisa e, por que não, consentânea com a arte em questão, dada a falta de orientação que urge imprimir à referida **avidez**, quer ao nível de espectadores, amantes da arte cénica, como, outrossim, aos candidatos à prática desta nobre arte.

De facto, em Cabo Verde, Teatro, na verdadeira acepção da palavra, isto é, como algo estruturado é coisa infelizmente inexistente, por razões sobejamente conhecidas. Para existir Teatro é necessário existir **palcos** onde ele se faz e **literatura dramática** convincente. Enfim, um conjunto de meios e recursos indispensáveis para a sua real efectivação.

Parafraseando Almeida Garret, o teatro é um meio de civilização, mas não prospera, onde a não há. Não têm procura os seus produtos enquanto o gosto não formar o hábito e com eles a necessidade. Para principiar, é pois mister criar um mercado fictício.

E eis porque, entre nós, esta **avidez** representa e, é seguramente, um ponto sólido para ser aproveitado nesta fase inicial de arranque, neste domínio cultural, transformando o seu quê de mero espontaneísmo numa força dialéctica capaz e susceptível de ultrapassar, sobrelevando todas as dificuldades, até chegar a criação, não só de um **gosto** amadurecido neste sentido como também propiciar o lançamento de alicerces robustos para a edificação, na nossa terra, desta nobre e magna arte que é efectivamente o Teatro.

Reflectir atentamente sobre esta problemática, de forma pragmática, se afigura eminentemente pertinente, para o lançar das bases conducentes à transformação da **avidez** em questão, na **virtude activa** que potencialmente ela traz em si, abrindo dialecticamente as portas do segredo (se segredo se se pode chamar) desta elevada arte aos amantes e amadores (seja espectadores, seja candidatos a actores e demais outros oficiantes), facilitando-lhes criticamente o mínimo de dados, elementos e informações respeitantes à arte dramática.

Temos asseverado, por várias vezes, que o caboverdiano histrionicamente falando é inatamente dotado. Mas isto não significa dizer ao caboverdiano sai, vai, faz teatro, na verdadeira acepção do termo, sem haver submetido previamente à uma preparação condigna.

É necessário conhecer o mínimo indispensável de **técnica teatral**, pois há que valorizar o **talento**, isto é, cultivando-o pedagógica e amadurecidamente, no caso contrário, se cai inevitavelmente no espontaneísmo – avenida aberta para a mediocridade e demais quejandos.

E o que acabamos de expender acerca do Actor ou candidato a actor se aplica *mutatis mutandis* aos demais outros oficiantes desta arte e, com particular relevo para o **director artístico** ou candidato a **encenador**.

O Teatro é uma arte colectiva, comungando com o mestre António Pedro Costa. Daí para que o teatro se realize como obra de arte colectiva, é indispensável que o artista nele colabore como artista e dê, como artista, o rendimento pleno das suas possibilidades. Enfim, é do acerto e do jogo destas possibilidades, conjugadas em equilíbrio, que ele pode resultar.

Para ser **encenador** não conta (e nem basta) somente o **talento** e a **boa vontade** é necessário se munir ainda, não só, de conhecimentos respeitantes à técnica de encenação, mas outrossim, de uma razoável **cultura geral**, a fim de se poder inserir no contexto sócio-histórico em que se vive e se move. No caso concreto e particular do caboverdiano, na fase teatral em que vivemos, *ipso facto*, nos encontramos histórica e sociologicamente vinculados e inseridos – a **proto-história do teatro caboverdiano** – com maior ênfase a questão, acima referida, de ser possuidor de uma boa e sólida **cultura geral**, não deixa de constituir um enorme imperativo. Demais, não deixa de ser, outrossim, a via para se poder

Notas

servir dialecticamente dos ensinamentos, emanando, quer do **teatro negro-africano** e do **teatro da América Latina** (a que contextualmente nos encontramos inseridos e vinculados obviamente) e, bem assim, do **teatro universal** (senso lato), com mais força de razão, ainda.

Efectivamente, só assim, se pode trilhar, com firmeza, determinação, o caminho certo e, sem sombra de dúvida, portador de futuro.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Vale a pena acentuar e reiterar que foi esta dinâmica que nos norteou na orientação dos destinos do “Korda Kaoberdi” e, assim, conseguir, levar a bom porto, a **missão** traçada’ com indiscutível êxito, facto, aliás, do conhecimento de todos quantos acompanharam, com interesse, transparência, isenção e sentido de reconhecimento o percurso do nosso **grupo cénico**.